

XX ENANCIB

21 a 25 Outubro/2019 – Florianópolis

A Ciência da Informação e a era da Ciência de Dados

ISSN 2177-3688

GT-3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

PRÁTICAS INFORMACIONAIS DE LEITORES EM TEMPOS DE CONECTIVIDADE

INFORMATIONAL PRACTICES OF READERS

Laiana Ferreira de Sousa – Universidade Federal da Paraíba

Lidia Eugenia Cavalcante – Universidade Federal do Ceará

Edvaldo Carvalho Alves – Universidade Federal da Paraíba

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Aborda as peculiaridades dos leitores em tempos de leituras cibernéticas, refletindo sobre suas práticas, peculiaridades e percepções em um contexto marcado pelo digital e pela conectividade. O objetivo é analisar as práticas informacionais de cursistas que realizaram o curso de extensão Formação de Mediadores de Leitura, ofertado na modalidade à distância para mais de 119 mil internautas. Além disso, busca-se suscitar a importância do desenvolvimento de competências para lidar com o aparecimento de novos usos sociais do livro e das práticas de leitura. A metodologia baseou-se na observação participante e análise de conteúdo aplicada nas publicações do grupo de *Facebook* do curso, com intuito de investigar o perfil dos alunos, suas práticas no grupo, interesses e necessidades informacionais, dentre outros aspectos. Conclui que o compartilhamento de informação influencia no comportamento de uso e busca da informação dos membros do grupo, pois estes produzem, compõem textos hipertextuais e os compartilham influenciados pela necessidade de informação, a partir de assuntos discutidos durante o curso.

Palavras-Chave: Práticas Informacionais; Leitura e leitor; Competência em Informação.

Abstract: It addresses the peculiarities of readers in times of cyber reading, reflecting on their practices, peculiarities and perceptions in a context marked by digital and connectivity. The objective is to analyze the informational practices of students who took the extension course Training of Reading Mediators, offered in the distance mode to more than 119,000 Internet users. In addition, we seek to raise the importance of developing skills to deal with the emergence of new social uses of the book and reading practices. The methodology was based on participant observation and content analysis applied in the Facebook group publications of the course, in order to investigate the students' profile, their group practices, interests and informational needs, among other aspects. It concludes that information sharing influences the group members' use and information seeking behavior, as they produce, compose hypertext texts and share them influenced by the need for information, based on subjects discussed during the course.

Keywords: Informational Practices; Reading and reader; Information Competence.

1 INTRODUÇÃO

A internet e a progressiva convergência das tecnologias digitais, num ambiente de sociabilidade em rede, encarregaram-se de tornar viável uma leitura de mobilidade conectada. Com a chegada de novos suportes de informação, ampliando as possibilidades de uso e acesso, o leitor dispõe de mais dispositivos para ler e de mais modos de fazê-lo do que em épocas passadas, ampliando, assim, as possibilidades de leitura e de apropriação do que é lido.

Nesse contexto multilinear, ler através de uma tela, apesar de ser uma prática por vezes individual, tornou-se compartilhada, envolvida e relacionada com vivências coletivas, permeada por aspectos tecno-sociais condizentes com o contexto e momento histórico vivido. A leitura de mobilidade conectada torna-se habitual, evidenciando transformações no modo de comunicação, na escrita em papel e na escrita virtualizada. Desse modo, as práticas informacionais de leitores na era digital passam por constantes transformações e já não são mais as mesmas se comparadas com o surgimento da internet em 1990, principalmente, no que diz respeito ao número de internautas.

De acordo com a última pesquisa Retratos de Leitura no Brasil¹ (FAILLA, 2016), o número de pessoas que já usaram a internet cresceu de 81 milhões em 2011 para 127 milhões em 2015. Vale destacar que, entre os leitores pesquisados, 81% são usuários de internet. Esses dados demonstram que os “leitores” são os principais usuários e consumidores de informação na web, embora 52% dos internautas a usem para ler notícias e obter informações. O número de leitores “tradicional” é ainda mais baixo na rede: apenas 16% leem jornais, 15% leem livros e 11% leem revistas.

Além disso, na era de leituras *online*, o crescimento de pessoas que buscam na Educação a Distância uma oportunidade em se especializar vem crescendo consideravelmente. Cerca de 1,5 milhão de brasileiros optam pelo ensino a distância, principalmente por conta da flexibilidade e custo-benefício. O número de ingressantes nessa

¹ A pesquisa Retratos de Leitura no Brasil (FAILLA, 2016) é a única pesquisa, em âmbito nacional, que tem por objetivo avaliar o comportamento leitor brasileiro (para a pesquisa, leitor é aquele que leu pelo menos parte de um livro nos últimos três meses).

modalidade no ensino superior cresceu 21,4% de 2015 a 2017 e já representa 28% dos novos alunos, de acordo com os dados do Censo da Educação Superior, 2017.²

Outro aspecto que caracteriza o leitor na era conectada, é a familiaridade com os dispositivos móveis para realizar diferentes ações, incluindo a leitura. Muito se pensou que as pessoas jamais se acostuariam a ler em um celular em decorrência do tamanho da tela, contudo, a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil (2016)* revelou que 56% dos indivíduos que leram um livro digital fizeram isso no celular ou no *smartphone*, sendo este último o dispositivo mais utilizado.

Buscar e se apropriar de informação em tempos de conectividade, portanto, pressupõe a utilização de novos mecanismos de leitura, incorporados às tecnologias para textos apresentados em diferentes linguagens, com novos recursos visuais, imagéticos e sonoros. Nesse contexto, convém refletir sobre os desdobramentos dessas práticas informacionais no cotidiano do sujeito contemporâneo, seus impactos, transformações e particularidades.

Sendo assim, o objetivo deste estudo é discutir sobre as peculiaridades dos leitores em tempos de leituras cibernéticas, refletindo sobre suas necessidades, práticas e percepções em um contexto marcado pelo digital. Para tanto, apresenta-se os resultados de um curso de extensão ofertado na modalidade à distância pela Fundação Demócrito Rocha, em parceria com a Universidade Federal do Ceará e a Prefeitura Municipal de Fortaleza, cujo tema é a Formação de Mediadores de Leitura. O curso foi ofertado de janeiro a abril de 2019 e contou com mais de 119 mil inscritos, demonstrando a aceitabilidade da modalidade à distância para obtenção de conhecimento, da metodologia empregada e do interesse pela temática mediação de leitura. Além disso, no decorrer do texto, discute-se sobre a leitura em formato digital e as práticas informacionais do leitor conectado.

2 A LEITURA CONECTADA: novas competências, gestos e linguagens

A sociedade contemporânea, ao trazer uma noção de tempo atrelada à velocidade e à simultaneidade, cria rupturas nas formas do tempo de leitura, no acesso à informação, na maneira de conviver e de construir significados. Assim, novos *hábitos* e formas de diálogos

² A maior fonte de informações e dados estatísticos da educação superior no Brasil, realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). <http://inep.gov.br/censo-da-educacao-superior>

vão se constituindo à medida que dispositivos tecnológicos vão surgindo e tornando outros obsoletos.

Em tempos de leitura conectada, o livro se encontra em evolução acelerada, de modo que o objeto enquanto veículo transmissor de informação permanece intacto, mas sua estrutura foi desmaterializada, fragmentada pela capacidade movente da comunicação ubíqua possibilitada pela internet. Isso modifica, consideravelmente, o leitor e as condições de uso.

O que ocorre é um fenômeno de deslocamento das esferas que condicionaram o ato de ler para novos contextos de leitura. Essa transferência é facilmente notada quando paramos para pensar quantas vezes os indivíduos recorrem à internet durante o dia para ler, se informar ou se comunicar. É importante considerar que, apesar do imediatismo e efemeridade característicos da internet, há muito o que se ler na grande rede.

Nas redes sociais, por exemplo, a apropriação da informação se dá através da leitura de textos multimidiáticos, sendo esta, aliás, a atividade mais realizada. Essas questões evidenciam que os espaços de compartilhamento, acesso e usos de informação propõem novas práticas informacionais, e isso depende fundamentalmente das instituições sociais que propõem e exigem tais práticas.

Diante desse mecanismo de leitura e produção textual, incorporado às tecnologias da informação e comunicação, surge a necessidade de um letramento voltado para o digital. Pois, apesar do conhecimento da escrita em si permanecer o mesmo como uma forma de linguagem, as novas condições de produção da informação digital determinam outras ações de organização do discurso, novos gêneros, novos modos de ler e de escrever (GOULART, 2007).

Nesse sentido, o letramento digital implica tanto a apropriação de uma tecnologia, quanto o exercício efetivo das práticas de escrita e de leitura que permeiam a cibercultura. Para Magda Soares, “[...] é um certo *estado* ou *condição* que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do *estado* ou *condição* – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel” (2002, p. 151, grifo da autora).

Para alguns autores, os processos cognitivos inerentes a esse letramento digital reaproximam o ser humano de seus esquemas mentais, conforme Ramal (2002, p. 84) afirma:

Estamos chegando à forma de leitura e de escrita mais próxima do nosso próprio esquema mental: assim como pensamos em hipertexto, sem limites para a imaginação a cada novo sentido dado a uma palavra, também navegamos nas múltiplas vias que o novo texto nos abre, não mais em páginas, mas em dimensões superpostas que se interpenetram e que podemos compor e recompor a cada leitura.

Sobre esse caminho construído pelo internauta nos meandros da informação midiática, Calvino (1990) descreve o hipertexto, inclusive na acepção que tem sido mais comum entre os estudiosos dessa textualidade, quando afirma que,

[...] quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis (CALVINO, 1990, p. 138).

O hipertexto é uma realidade palpável que possibilita a leitura interativa de textos escritos e elementos multimídias. É lido de forma multilinear e multissequencial (SOARES, 2002), acionando-se *links* que constroem uma multiplicidade de caminhos na tela, sem respeitar uma ordem predefinida. Almeida (2008) afirma que o leitor-navegador não lê como o leitor de livro por justamente ter essa facilidade de mudar rapidamente a leitura caso não goste e vislumbre outros interesses.

O processo de comunicação mediado pela tela dos computadores, *tablets*, *smartphones*, dentre outros, apresenta-se como novo espaço de acesso à informação que vai delineando as mudanças nas formas de interação entre autor, leitor e o texto. Mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento. Isso porque “[...] a hipótese é de que essas mudanças tenham consequências sociais, cognitivas e discursivas, e estejam, assim, configurando um *letramento digital* [...]” (SOARES, 2002, p. 9, grifo da autora).

Esses espaços exigem do leitor múltiplas habilidades, não somente para produzir conteúdos no ambiente virtualizado, mas para fazer uso deste de modo consciente e responsável. De fato, é devido ao permanente confronto dos sujeitos com a evolução das tecnologias digitais, que há urgência no desenvolvimento de habilidades e competências particulares a esse relacionamento.

Pode-se considerar dois segmentos que caracterizam as competências que devem permear as práticas informacionais do sujeito contemporâneo no relacionamento com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TDIC): a *competência técnico-operacional*, associada ao acesso e manuseio básico dos aparatos e ferramentas técnicas; e a

competência em informação, associada à habilidade de busca, seleção e acesso à informação. Essas categorias, juntas, integram e complementam as habilidades necessárias para o desenvolvimento do sujeito letrado digitalmente.

Assim, no mundo globalizado, em que a dimensão comunicacional tomou conta das esferas pessoais e profissionais, desenvolver competências para o uso da informação e transformação em conhecimento é uma prioridade na sociedade informacional. Cumpre ainda conhecer as características, percepções e peculiaridades do sujeito que ler por entre as infovias da informação conectada.

3 AS PRÁTICAS INFORMACIONAIS DO LEITOR NA ERA DIGITAL

Para além de certas denominações, na internet, vive-se a era dos excessos, das relações momentâneas e de uma urgência implacável por consumo, seja de informação, conhecimento ou simplesmente, pertencimento. Sob tais circunstâncias, tem-se o sujeito contemporâneo, fruto de lutas históricas e sociais, moldado por estruturas dominantes e, ao mesmo tempo, um ator social, participante de uma sociedade que carrega o peso das tecnologias, da conectividade, do consumo, da competição e da instabilidade socioemocional.

Finalmente, estes e outros aspectos sociais interferem diretamente no individualismo do sujeito, não somente no modo em que ele vive, relaciona-se ou comunica-se, mas como produz, como cria e constrói suas práticas socialmente. Pode-se dizer que, dessa forma, o indivíduo só constrói a si mesmo através de suas práticas cotidianas e, ao mesmo tempo, de uma materialidade que está em constante interação com seus agentes e *habitus*.

No campo da teoria cultural, Bourdieu (1983) explica o modo como a prática social existe através do conceito de *habitus*,

[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma *matriz de percepções, de apreciações e de ações* - e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas [...] (BOURDIEU, 2003, p. 261-2.).

Sob tais condições, gera-se a constituição de diferentes modos de conviver socialmente, a partir das relações dialéticas entre as estruturas objetivas e seu papel estruturante.

Nesse sentido, a contemporaneidade, marcada pela desmaterialização das fronteiras informacionais e comunicacionais, por vezes, parece ter destituído a supremacia e legitimação da palavra e aberto espaço para a difusa proliferação de textos a largas audiências em estruturas desterritorializadas.

Tais mudanças nas relações entre espaço e acesso à informação, alteraram a interação do sujeito social e conseqüentemente suas práticas. Esses espaços possibilitam a democratização do acesso à informação, ao passo em que geram novos debates em torno do comportamento informacional desses sujeitos ou de suas práticas informacionais.

No debate travado por pesquisadores e especialistas, de um lado propõe-se modelos teóricos para o comportamento informacional do sujeito, vistos em suas individualidades, reduzindo a visão sobre o papel estruturante do contexto em seu comportamento individualizado (KHULTHAU, 1991; DERVIN 1992; WILSON, 1997, 1999, 2000) de outro, os que lhes fazem severas críticas à falta de atenção ao papel constituinte do contexto social e cultural nas abordagens tradicional (MCKENZIE 2003; TALJA 1997, 2005; SAVOLAINEN 2007, 2012), marcando assim, a mudança de análise do sujeito cognitivo para o sujeito social.

As práticas informacionais, portanto, são influenciadas por um paradigma socioconstrucionista (SAVOLAINEN, 2007) e surgem para contrapor-se à análise do comportamento puramente individual do sujeito na busca e obtenção de informação, quando sinaliza que todas as práticas ocorrem dentro de um campo social, por isso refletem os aspectos que são incorporados ao contexto social.

Segundo Savolainen (2007) as práticas informacionais consideram o sujeito para além da sua condição profissional ou acadêmica, mas como indivíduo que necessita e busca informação, independente do suporte ou conteúdo, para cada ação existirão aspectos representativos. Neste curso, não existe um determinante, o que ocorre é a interligação, uma interação de diferentes fatores.

As tecnologias têm determinados efeitos sociais, cognitivos e discursivos, e, tratando-se de leitura na web, conseqüentemente, novas práticas sociais de leitura e de escrita serão geradas, constituindo-se em novos estilos de pensamento e conseqüentemente novos tipos de leitores.

Sobre isso, Santaella (2004, p. 36) ressalta que,

Fora e além do livro, há uma multiplicidade de modalidades de leitores. Há o leitor da imagem, desenho, pintura, gravura, fotografia. [...] hoje, esse leitor das telas eletrônicas está transitando pelas infovias das redes, um

novo tipo de leitor, imersivo, que navega nas arquiteturas líquidas da hipermídia no ciberespaço.

Mediante o conceito de *leitor imersivo* Lucia Santaella descreve as novas práticas de leitura imersiva “[...] como uma atividade nômade de perambulação de um lado para o outro, juntando fragmentos que vão se unindo mediante uma lógica associativa e de mapas cognitivos personalizados e intransferíveis” (SANTAELLA, 2004, p. 175).

De acordo com a autora, o *leitor contemplativo, meditativo*, oriundo do Renascimento, dispunha de um tempo e atenção específicos para a leitura, enquanto o *leitor fragmentado, movente*, que tem sua gênese junto ao aparecimento dos jornais, caracterizava-se como um leitor mais célere, de fragmentos, de linguagens híbridas. Hoje, o leitor imersivo,

[...] não mais um leitor que segue as sequências de um texto, virando páginas, manuseando volumes, percorrendo com seus passos a biblioteca, mas um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multi-sequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, músicas, vídeo, etc. (SANTAELLA, 2004, p. 180).

Nesse roteiro *multilinear e labiríntico*, nota-se a multiplicação de formatos linguísticos e gêneros discursivos que são lidos e compartilhados por milhões de internautas, num contexto de convergência midiática e de comunicação em rede que requer novas literacias, sobretudo novas discussões em torno da ética e responsabilidade social.

A tomada de consciência da linguagem, imprescindível para a contribuição do sujeito, deriva, por um lado, para o descentramento não só dos discursos, mas para sua força instituinte; por outro, para um compromisso necessário com o dito (e não dito), face ao efeito que exerce sobre o outro (YUNES, 2002, p. 166).

O discurso de Yunes (2002), apesar de proferido há mais de uma década, apresenta muito do que estamos presenciando na era da informação eletrônica. Ao mesmo tempo que o acesso à informação é democratizado nesses novos espaços de compartilhamento, essa janela aberta ao diálogo relativiza as fronteiras arquitetadas pela escrita formal.

Seja através de Redes Sociais, Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), *web sites*, os espaços para interagir fora e além da presencialidade são demasiadamente diversos, o que gera a necessidade de refletir sobre o sujeito mediador de informação. Para o artigo,

optou-se por avaliar as práticas de socialização informacional de cursistas que fazem uso tanto de AVA como de redes sociais.

4 A PESQUISA EM FOCO

Com o propósito de analisar as práticas informacionais de leitores conectados, optou-se por avaliar o curso de Extensão Formação de Mediadores de Leitura, ofertado na modalidade à distância. A abordagem do problema é qualitativa, já que é uma forma de investigar dados não quantificáveis relacionados ao objeto de estudo, enfocando aspectos subjetivos para interpretar fatos vivenciados pela população analisada.

Para fins de conhecimento da comunidade estudada, realizou-se pesquisa descritiva, que busca descrever características de uma comunidade ou fenômeno. Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa é bibliográfica, “[...] desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2006, p. 50).

Com relação à análise de dados, o método utilizado foi a análise de conteúdo, o qual pode ser visto como um conjunto de técnicas para análise de comunicações com o objetivo de obter, através de procedimentos sistemáticos, conteúdos de indicadores (quantitativos ou qualitativos), permitindo inferir conhecimento a partir da recepção das mensagens analisadas (BARDIN, 2011).

Os sujeitos pesquisados, através de observação participante, foram os membros do grupo no *Facebook* de alunos do curso de extensão Formação de Mediadores de Leitura, ofertado na modalidade à distância. O grupo possui 9.242 participantes e permite o compartilhamento de informações mediante análise dos moderadores. Antes de dar prosseguimento às categorias geradas, serão abordadas as informações referentes ao objeto do estudo.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Diante do intenso avanço das tecnologias móveis e o rápido desenvolvimento das TDIC, a natureza pluridimensional da Educação à Distância (EaD), por sua vez, faz dessa modalidade de ensino um campo fértil para a oferta de cursos que atingem uma infinidade de usuários mundialmente. Costuma-se dizer que “o *online* não possui mais volta”, já que o uso e acesso de conteúdos de modo ubíquo, ultrapassando os limites e impedimentos de tempo e espaço, torna-se cada vez mais comum em todas as esferas do mundo.

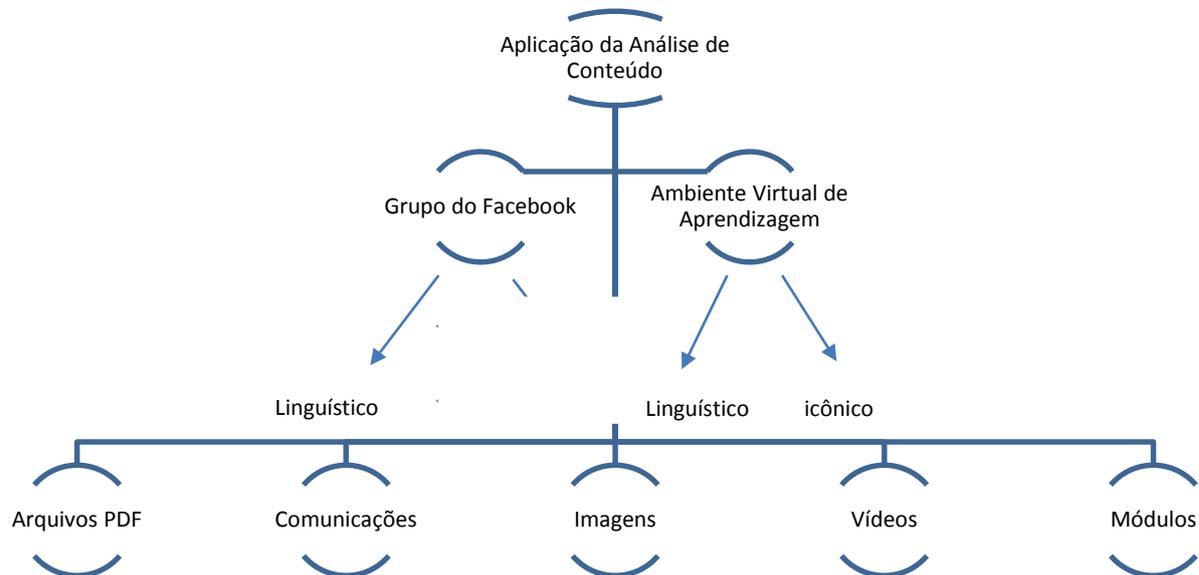
Este foi o caso do Curso de Extensão de Formação de Mediadores de Leitura, ofertado na modalidade à distância pela Universidade Aberta do Nordeste coordenado pela Fundação Demócrito Rocha (UANE/FDR), em parceria com a Universidade Federal do Ceará (UFC) e a Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF). Referido curso atingiu o quantitativo de 119.389 mil inscritos em sua primeira oferta. Desse total, 32.568 alunos realizaram a avaliação final, 31.453 foram aprovados e 1.115 reprovados. O curso foi ofertado gratuitamente de 21 de janeiro a 03 de junho de 2019 para todo o território brasileiro demonstrando sua relevância e alcance a partir do número de inscritos e egressos.

O curso foi ofertado *online*, com metodologia auto instrucional através do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) *Moodle (Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment)*, plataforma utilizada para disponibilizar o conteúdo do curso. Além disso, através do Jornal O POVO, foram disponibilizados encartes impressos dos módulos à medida em que estes eram lançados no AVA.

Como espaço de interação, os alunos também dispunham de um grupo na rede social *Facebook*, mediado pela UANE e FDR, onde eram divulgadas informações referentes aos prazos, cronograma das atividades e avisos de forma geral. Além disso, o grupo é aberto para publicações também dos membros mediante aprovação dos moderadores. Portanto, tornou-se um espaço de interação e socialização, de troca de experiências, busca e compartilhamento de informações etc. Para esta pesquisa, consideraram-se apenas as publicações realizadas pelos participantes do grupo.

A seleção das unidades de análise se deu a partir da busca de informação no próprio grupo do *Facebook*, a partir das comunicações e dos arquivos que foram postados ou compartilhados pelos membros, tanto no domínio linguístico (comunicações escritas, arquivos PDF etc.) como no icônico (vídeos e imagens), conforme Figura 1.

Figura 1 – Fluxograma da aplicação da análise de conteúdo



Fonte: Adaptado de Bardin (2011)

A seguir, descrevem-se as características gerais do curso e discute-se sobre práticas informacionais dos seus membros.

5.1 Conteúdo do curso

Com carga horária total de 160h, o conteúdo programático foi composto por 12 módulos que descreveram diferentes ações destinadas ao fomento da mediação e práticas de leitura em diversos ambientes e equipamentos culturais. O objetivo foi fomentar a formação de mediadores de leitura e estimular a realização de iniciativas que visassem o incentivo à leitura, através da oferta das seguintes disciplinas:

Quadro 1 – Conteúdo Programático do Curso

MÓDULOS	CARGA HORÁRIA
MÓDULO 1 – MEDIAÇÃO DA LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR	15h
MÓDULO 2 – A FORMAÇÃO DE PROFESSORES LEITORES E MEDIADORES DE LEITURA	15h
MÓDULO 3 – A LEITURA LITERÁRIA	13h

MÓDULO 4 – LEITURA E CULTURA	13h
MÓDULO 5 – APRENDIZADO DA LEITURA NA INFÂNCIA	13h
MÓDULO 6 – OS JOVENS E A LITERATURA	13h
MÓDULO 7 – LEITURA, ARTE E EDUCAÇÃO	13h
MÓDULO 8 – PRÁTICAS LEITORAS: CONTANDO E LENDO HISTÓRIAS	13h
MÓDULO 9 – O PAPEL DA BIBLIOTECA NA FORMAÇÃO DE LEITORES	13h
MÓDULO 10 – ESPAÇOS E AMBIÊNCIAS PARA MEDIAÇÃO DA LEITURA	13h
MÓDULO 11 – MEDIAÇÃO DE LEITURA E ACESSIBILIDADE	13h
MÓDULO 12 – A LEITURA EM TEMPOS DE CONECTIVIDADE	13h
CARGA HORÁRIA TOTAL	160h

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.

Em cada módulo disponibilizava-se ao cursista o conteúdo em linguagem HTML e PDF, assim como uma Biblioteca Virtual contendo material complementar ao assunto estudado. Além do texto escrito, o curso proporcionou ao internauta diversas possibilidades para obtenção de informação através de vídeos, áudios, entrevistas na rádio etc. O intuito foi diversificar as possibilidades de interação com o conteúdo e torná-lo mais atrativo para os cursistas. Os espaços de comunicação eram os fóruns no próprio *Moodle* e a rede social *Facebook*.

5.2 O perfil do aluno ingresso

O público-alvo do curso, num primeiro momento, eram professores, mas diante de sua grande cobertura e alcance, revelou-se dentre os seus cursistas diferentes perfis, como: pedagogos, bibliotecários, auxiliares de biblioteca, agentes de leitura, animadores culturais, alunos de graduação, contadores de histórias, artistas cênicos e a comunidade em geral. Em sua maioria, pessoas interessadas pelo assunto da leitura, mas que buscavam aperfeiçoar suas práticas de atuação profissional.

5.3 Informações publicadas no grupo: categorização da análise

Mediante observação participante, já que as autoras deste artigo perpassaram diferentes papéis atuantes na EaD (Coordenação, Conteudista e Cursista), foi possível identificar os principais assuntos abordados no grupo e posteriormente realizar a categorização das informações publicadas. Para análise das unidades linguísticas, optou-se

pelos tipos de arquivos que foram compartilhados pelos próprios membros do grupo, conforme tabela abaixo:

Quadro 2 - Arquivos publicados no grupo

CATEGORIAS	CONTEÚDO	QTD.
FASCICULOS DOS CURSOS	Material disponibilizado no AVA apenas para cursistas inscritos no curso.	10
OBRAS DE LEITURA LITERÁRIAS	Em sua maioria obras de autores da literatura brasileira: Machado de Assis, Jorge Amado e Clarice Lispector.	9
OBRAS DE LITERATURA CIENTÍFICA	Dissertações, Artigos, livros de assuntos pertinentes ao assunto do curso como: cultura, memória, mediação, leitura, acessibilidade, literatura, arte educação, formação de professores.	11
PESQUISAS SOBRE LEITURA	Dados estatísticos de pesquisas sobre o comportamento leitor.	5

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019

Dentre os arquivos mais compartilhados definiu-se categorias mencionadas no Quadro 2, as quais representam os documentos de maior incidência e, conseqüentemente, representam as temáticas de maior interesse dos membros. As categorias de maior número de publicações foram as obras de cunho especializado, como complementação ao conteúdo estudado nos módulos. Com segundo maior índice de publicações, tem-se o compartilhamento dos fascículos do curso, possibilitando aos membros que não estavam inscritos o acesso ao material. Tais informações revelam um certo entendimento dos participantes dos grupos, para com o compartilhamento de informações relativas ao escopo central estabelecido pela rede social.

Estas questões remetem para uma noção de letramento, sobretudo no que Magda Soares considera como “[...] o estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita” (SOARES, 2002, p. 145). Este exercício é efetivo quando resulta do entendimento do que estas ações de leitura podem ocasionar no espaço social e, sobretudo, na vida de cada sujeito. É considerar que as práticas informacionais podem se constituir em preciosos recursos para compreensão desse sujeito leitor, a partir de como ele reage perante o acesso e consumo de informações.

No cenário atual de hiperconectividade, essas habilidades de uso da informação desmaterializada recebem termos associados à *information literacy*, os quais em português se referem às competências informacionais e suas derivações, como o “letramento informacional”, a “competência midiática” e mais recentemente, apontam para a “competência crítica em informação” (BEZERRA, 2015).

Devido ao elevado número de postagens, optou-se por não as quantificar, mas sim categorizar as fontes de informações mais disponibilizadas no grupo, conforme quadro abaixo:

Quadro 3 - Fontes de Informação

CATEGORIAS
Textos e Relatos Pessoais
Dúvidas referentes ao curso
Divulgação de eventos
Publicação de sites e redes sociais
Imagens de atividades realizadas pelos membros do grupo
Iniciativas de mediação de leitura

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019

Estas fontes correspondem ao perfil do sujeito informacional desta pesquisa, sobretudo suas necessidades informacionais, tendo em vista, que o tipo de informação divulgada está diretamente relacionado aos seus internautas/leitores. Esse processo de alimentação e retroalimentação condiz com a mediação da informação no contexto das redes sociais, que significa “Toda ação de interferência[...], direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional” (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 92).

Nesse sentido, cumpre dizer que a mediação da informação inclui dois fatores fundamentais: a apropriação da informação pela prática da leitura, inerente aos aspectos sociais, pessoais, cognitivos e particulares do sujeito no processo de produção/disseminação e uso da informação (Práticas informacionais) e a interferência que é inerente aos procedimentos de como a informação será destinada ao usuário (Mediação). Seu objetivo é claro: facilitar o acesso e compreensão da informação, visando à transformação de uma dada situação ou à solução de problemas.

Para representar as categorias mencionadas no Quadro 3, considerou-se o número de curtidas, comentários e compartilhamentos de interação com a publicação. No *Facebook*, o termo “curtir” é associado ao caráter aprovativo de qualquer assunto, desse modo, foram selecionadas duas postagens com números altos de curtidas, relacionada à categoria “Textos e relatos pessoais” com 505 curtidas.

Figura 2 – Postagem 1 Textos e Relatos Pessoais



Fonte: Postagem no Facebook do grupo. Dados da Pesquisa, 2019.

Além do relato pessoal, a internauta divulga também as ações de contação de histórias e oficina de origami que são realizadas pelo filho com deficiência visual. O tema inclusão e educação especial foram bastante recorrentes no grupo, demonstrando uma necessidade maior de abordagem do assunto na esfera educacional. Nota-se neste aspecto como as redes sociais tornaram-se espaço de compartilhamento de ações relativas aos espaços de sociabilidade reais.

É certo, que a condição de ubiquidade da rede, envolvendo os internautas num estado de conexão generalizada, ressalta a capacidade movente desta interação, já que o usuário pode conectar-se à rede enquanto se desloca no mundo físico. Ao mesmo tempo, uma certa hibridização entre o que se passa no real e no virtual é gerada a partir das múltiplas interações travadas neste espaço, tendo em vista que o usuário não se encontra

mais em um espaço estritamente territorial, geográfico, mas sim em um híbrido território/rede comunicacional (SANTAELLA, 2010).

A segunda postagem corresponde à categoria “Iniciativas de mediação e práticas de leitura”, com 348 curtidas, conforme figura a seguir:

Figura 3 – Postagem 2 Iniciativas de mediação de leitura



Fonte: Postagem no Facebook do grupo. Dados da Pesquisa, 2019.

Verifica-se na Postagem 2 que o sujeito utilizou informações compartilhadas de uma página do *Facebook*, acrescentada de informação pessoal, prática recorrente no grupo analisado. A imagem apresenta uma mediação de leitura bastante inusitada, denominada “Restaurante de Livros”, portanto gerou diversos comentários a respeito da iniciativa realizada.

Essa troca de informações relativas aos contextos cotidianos dos internautas aproxima-se do entendimento de práticas informacionais por Savolainen (2007). De acordo com o autor, a perspectiva de práticas informacionais se insere especialmente nas interações estabelecidas entre sujeitos e informação, em situações nas quais a produção,

armazenamento, manipulação, busca, transferência, avaliação e uso da informação podem ser analisadas em práticas cotidianas situadas em contextos diversos.

O processo de virtualização da leitura suscitado pela internet, pelas mídias sociais e pelos diferentes suportes digitais, impulsiona também o compartilhamento de informações. Esta é uma prática percebida nos fóruns de discussão gerados pela cibercultura, demonstrando que o leitor das telas não só busca informação, como participa do seu processo criativo e finalmente a dissemina.

A introdução na sociedade contemporânea, de novas modalidades de práticas sociais de leitura e de escrita, propiciadas pelas Tecnologias de Comunicação e Informação (TDIC), geram inúmeros impactos no modo de conceber a leitura e de constitui-se enquanto leitor, conseqüentemente mudam-se as práticas informacionais destes leitores.

6 CONCLUSÃO

A partir da análise realizada no objeto em questão, nota-se que a publicação e interação dos conteúdos no grupo do *Facebook* reflete a necessidade dos sujeitos em conhecer mais sobre as práticas leitoras, as iniciativas realizadas, assim como pesquisas e publicações sobre a temática.

Contudo, ao abordar as práticas informacionais de leitores na web é necessário levar em consideração não apenas a necessidade informacional, mas também a capacidade que o indivíduo tem de produzir e se apropriar do conhecimento em rede, a partir do seu contexto social e cultural de modo a gerar novos desdobramentos no processo de produção na era digital.

Acredita-se ser importante reafirmar que, embora a leitura tenha evoluído para um fenômeno ainda mais global, não podemos reduzi-la ao suporte físico ou cibernético. Temos que tratá-la na amplitude do conceito da produção de conhecimento e das exigências da Era Digital e suas funções nas sociedades humanas. Isso inclui considerar o desenvolvimento de competências informacionais para o uso e acesso de conteúdos digitais, o que impactará nas práticas informacionais do leitor virtual.

Conclui-se que o compartilhamento de informação numa esfera digital influencia no comportamento de uso e busca da informação dos membros do grupo, pois estes produzem, compõem textos hipertextuais e os compartilham influenciados pela necessidade de informação, a partir de assuntos discutidos durante o curso. São

leitores/internautas/cursistas em busca de informação num contexto mediado por aparatos tecnológicos que influenciam em suas práticas e comportamentos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesquisa brasileira em ciência da informação, Brasília**, v.2, n.1, p.89-103, jan./dez. 2009.

ALMEIDA, Rúbens Queiroz de. O leitor navegador II. *In*: SILVA, Ezequiel Theodoro da (Coord.). **A leitura nos oceanos da internet**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEZERRA, Arthur Coelho. Vigilância e filtragem de conteúdo nas redes digitais: desafios para a competência crítica em informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais[...]** João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2015. Disponível em: <http://bit.ly/2gKknBH>. Acesso em: 21 jul. 2019

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. *In*: ORTIZ, Renato (Org.). **A Sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho D'ÁGUA, 2003. p. 39-72.

CALVINO, Ítalo. **As seis propostas para o próximo milênio**. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DERVIN, Brenda. From the mind's eye of the user?: the sense-making qualitative-quantitative methodology. *In*: GLAZIER, J. D.; POWELL, R. R. **Qualitative research in information management**. Englewood: Libraries Unlimited, 1992. p. 61-84.

FAILLA, Zoara (org.). **Pesquisa Retratos da leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sextante; São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2016. Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf. Acesso em: 10 jul. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2006.

GOULART, Cecília. Letramento e novas tecnologias: questões para a prática pedagógica. *In*: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. (Org.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autentica, 2007.

INEP. **Censo da Educação Superior**. Brasília: INEP, 2017. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2018/censo_da_educacao_superior_2017-notas_estatisticas2.pdf. Acesso em: 10 jul. 2019.

MCKENZIE, Pamela. J. A model of information practices in accounts of everyday-life information seeking. **Journal of Documentation**, Bingley, v. 59, n. 1, p. 19-40, 2003.

RAMAL, Andrea Cecília. **Educação na cibercultura**: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTAELLA, Lucia. Internet: uma nova plataforma de vida. *In*: SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lucia. A Ecologia Pluralista da Comunicação. *In*: SANTAELLA, Lucia. **Conectividade, mobilidade, ubiquidade**. São Paulo: Paulus, 2010.

SAVOLAINEN, Reijo. Information behavior and information practice: reviewing the “umbrella concepts” of information-seeking studies. **Library Quarterly**, Chicago, v. 77, n. 2, p. 109-132, abr. 2007.

SAVOLAINEN, Reijo. Conceptualizing information need in context. **Information Research**, Lund, v. 17, n. 4, 2012. Disponível em: <http://informationr.net/ir/17-4/paper534.html#.XYku3C5KjIU>. Acesso em: 09 jul. 2017.

SOARES, Magda. Novas Práticas de Leitura e escrita: Letramento na Cibercultura. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

TALJA, Sanna. Constituting “information” and “user” as research objects: a theory of knowledge formations as an alternative to the information man - theory. *In*: VAKKARI, P.; SAVOLAINEN, R.; DERVIN, B (Ed). **Information seeking in context**. London: Taylor Graham Publishing, 1997.

WILSON, Tom. Information behaviour: an interdisciplinary perspective. **Information Proceeding and Management**, v. 33, n. 4, p. 551-572, 1997.

WILSON, Tom. Models in information behaviour research. **The Journal of documentation**, v. 55, n. 3, p. 249-270, 1999.

WILSON, Tom. Human information behavior. **Informing Science**, v. 3, n. 2, p. 49-53, 2000.

YUNES, Eliana. Entre a palavra e a ação: o leitor e a ética. *In*: YUNES, Eliana (Org.). **Pensar a leitura**: complexidade. São Paulo: Loyola, 2002. p. 164-168.